

A MEDICINA NA GUERRA DO PARAGUAI. (Mato-Grosso) (II).

LUIZ DE CASTRO SOUZA

Sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e Membro titular do Instituto Brasileiro de História da Medicina.

(Continuação).

V

A EXPEDIÇÃO DE MATO GROSSO NA PROVÍNCIA DE SÃO PAULO E O SERVIÇO DE SAÚDE DA COLUNA.

A notícia da traiçoeira invasão de Mato Grosso chegou somente à Côrte, Rio de Janeiro, aos 22 de fevereiro de 1865, trazida por José Gomes da Silva, Barão de Vila Maria, que viajou quarenta e sete dias, sendo 29 de marcha e 18 de falha (35). Depois, em 17 de março, chegava o correio de Cuiabá. A população, que antes havia tomado conhecimento por intermédio de outras fontes, aumenta sua revolta e indignação, estendendo êsse sentimento a todo o país.

Entretanto, antes da certeza dêsse nôvo atentado ao Brasil, o invicto Marquês de Caxias — nosso maior soldado —, recebia um questionário do então Ministro da Guerra, Henrique Beaurepaire Rohan, a 20 de janeiro de 1865, em que tratava da organização do exército e plano de campanha. Consta de cinco *itens*, sendo o terceiro concernente ao “*melhor plano de campanha a adotar-se para assegurar o triunfo de nossas armas*”. Caxias responde prontamente ao questionário que lhe fôra submetido, cuja valiosa opinião se expressa a 25 do referido mês. Quanto ao 3º *item* acima citado, diz:

“Julgo que convém dividir o exército em três colunas, ou corpos de exército, devendo o principal marchar pelo Passo da Pátria, no Paraná, pela estrada mais próxima e paralela ao rio Paraguai, com direção a Humaitá, e dai a Assunção. Esta fôrça deverá operar

(35). — RIO BRANCO, Barão do — *Efemérides Brasileiras* — Ministério das Relações Exteriores, Rio de Janeiro, 1946, p. 128.

de acôrdo com a nossa esquadra, que subir ao rio Paraguai. Batido Humaitá, nosso exército deve continuar sua marcha a todo transe até a capital do Paraguai, combinando seus movimentos com as forças de Mato Grosso, as quais deverão perseguir o inimigo que tiver invadido a província até a linha do Apa, esperando ai as ordens do general-chefe do exército do sul, para, de acôrdo com êle, descer até onde convier. E a outra coluna, que não deverá ser menor de 6.000 homens, marchará por São Paulo, com direção à província de Mato Grosso, fazendo junção com as forças que já guarneceram aquela província, as quais calculo em 4.000 homens. Esta coluna deverá operar por Miranda com o fim não só de assegurar as cavalhadas e gados que existem por êsse lado, como para obrigar o inimigo a distrair forças de sua base de operações, e facilitar assim a entrada do grosso de nosso exército que deve invadir pelo lado de Humaitá. (Os grifos são nossos).

Uma outra coluna, ou corpo de exército, deve chamar a atenção do inimigo pelo lado de São Cosme, Itapuã, ou São Carlos para que não só, não possa êle cortar-nos a retirada pelo Passo da Pátria, no caso de revés no Humaitá, como para que não convirja com tôdas as suas forças sôbre êsse ponto, quando atacado pelo nosso exército. Êsse movimento deverá competir às nossas forças que guarnecem a fronteira de São Borja e deverão constar, pelo menos, de 10.000 homens das três armas, e ser bem comandadas" (36).

Caxias, como se depreende no seu quadro estratégico acima transcrito, já previa uma ação guerreira dos paraguaios sôbre Mato Grosso e reconhecia o valor daquela província para a conduta da guerra que havia sido imposta ao Brasil. No seu esbôço, as operações, no território de Mato Grosso, seriam defensivas ou, se as circunstâncias favorecessem, tornar-se-iam ofensivas com o fim de distrair as forças inimigas.

O Gôverno Imperial, possivelmente, seguindo o plano elaborado por Caxias, ordena a convocação de 12.000 homens da Guarda Nacional de São Paulo, Minas e Góias, e organiza uma Coluna Expedicionária, a fim de socorrer a longínqua província de Mato Grosso.

A direção desta força coube ao Tenente-Coronel de cavalaria, Manoel Pedro Drago, que exercia, até então, o comando do Corpo Policial da Côrte, e seguia investido dos cargos de Presidente e Comandante das Armas da província de Mato Grosso, nomeado que fôra pelos decretos de 22 a 25 de fevereiro de 1865, respectivamente.

(36). — Apud WANDERLEY PINHO — *Caxias Senador* — In "Revista Militar Brasileira", edição comemorativa do 133º aniversário do nascimento de Luís Alves de Lima, Nº 3, vol. XXXV, Rio de Janeiro, 1936, pp. 134-137.

Para dar assistência médico-cirúrgica à Coluna Expedicionária, fazia-se necessário um número bastante elevado de profissionais. E, assim, as primeiras providências foram tomadas pela "Ordem do Dia" nº 439, da Repartição do Ajudante-General do Exército, de 18 de março de 1865, determinando que se apresentassem ao referido chefe da expedição de Mato Grosso, para seguirem destino à mesma província, os seguintes oficiais do Corpo de Saúde: Capitães 1ºs Cirurgiões, doutores *Antônio Luiz de Sousa Seixas, Olegário César Cabossu, Joaquim José de Araújo e Aires de Oliveira Ramos*; Tenentes 2ºs Cirurgiões, doutores *Antônio José Pinheiro Tupinambá, José Antônio de Andrade, Galdino de Carvalho e Andrade, Manoel da Silva Daltro Barreto, Cícero Álvares dos Santos, Joaquim Mariano de Macedo Soares e Serafim Luiz de Abreu*; Alferes Farmacêuticos *Pedro Alexandre Nucator e Tobias Alvim do Amaral* (37).

Antes de prosseguirmos com a narrativa e evolução da Coluna Expedicionária de Mato Grosso, damos, abaixo, traços bio-bibliográficos destes valiosos facultativos, alguns, infelizmente, bem ligeiros, pela dificuldade de encontrar melhores e completos dados, apesar das pesquisas realizadas.

— Capitão 1º Cirurgião, doutor ANTÔNIO LUIZ DE SOUZA SEIXAS, natural da cidade do Salvador, Bahia, sendo seus pais Joaquim Antônio de Ataíde Seixas e D. Joana Maria de Sousa Seixas. Doutor em medicina pela Faculdade da Bahia, tendo defendido tese, no dia 11 de dezembro de 1851, sôbber: *A histeria*. Tip. de João Alves Portella, Bahia, 1851. Assentou praça em 9-2-1852, no posto de Alferes 2º Cirurgião, sendo promovido a Tenente 2º Cirurgião, a 2-12-1854. Capitão 1º Cirurgião pelo decreto de 2-12-1859. Sua última designação havia sido na guarnição da província natal (38).

— Capitão 1º Cirurgião, doutor OLEGÁRIO CÉSAR CABOSSU, natural da vila do Rio de Contas, Bahia. Doutor em medicina pela faculdade de sua província, após defender tese, a 10-12-1851, intitulada: *O Pulso*. Tip. de Epiphano Pedroza, Bahia, 1851. Pelo decreto de 9-2-1852, entrou para o Serviço de Saúde do Exército,

(37). — "Diário Oficial. Império do Brasil". Edição de 19-3-1865.

(38). — Este médico militar desligou-se da coluna em território de Mato Grosso e seguiu para o Paraguai, quando pela "Ordem do Dia" nº 15, do Quartel General em Tuiuti, de 21-12-1866, foi nomeado Major Cirurgião-Mór de Brigada em Comissão. Em maio do ano seguinte, foi-lhe concedida uma licença de quatro meses, a fim de tratar de sua saúde no Brasil.

no posto de Alferes 2º Cirurgião e foi promovido a Tenente 2º Cirurgião, em 2-12-1854. Capitão 1º Cirurgião de 2-12-1860 (39).

— Capitão 1º Cirurgião, doutor JOAQUIM JOSÉ DE ARAÚJO. Médico pela Faculdade da Bahia, em 1853, tendo defendido tese, sob o título: *Proposições sôbre laringite*. A 2 de janeiro do ano seguinte ingressara no Serviço de Saúde do Exército, no posto de Alferes 2º Cirurgião, sendo promovido a Tenente 2º Cirurgião em 30-9-1857. Capitão 1º Cirurgião de 2-12-1862. Havia sido agraciado com as Imperiais Ordens da Rosa e de Cristo, nos graus de Cavaleiro. Foi Delegado do Cirurgião-Mor do Exército na província das Alagoas.

— Capitão 1º Cirurgião, doutor AIRES DE OLIVEIRA RAMOS. Diplomou-se pela Faculdade de Medicina da Bahia, em 1853, quando defendeu tese versando: *Proposições sôbre hipertrofia*. Assentou praça, a 2-1-1854, no posto de Alferes 2º Cirurgião, tendo sido promovido a Tenente 2º Cirurgião, em 23-9-1857. Capitão 1º Cirurgião pelo decreto de 2-12-1862. Serviu na guarnição da província da Bahia (40).

— Tenente 2º Cirurgião, doutor ANTÔNIO JOSÉ PINHEIRO TUPINAMBÁ, nascido a 22 de agosto de 1831, na cidade do Salvador, Bahia, sendo seus pais Antônio Tupinambá e D. Josefa Maria Pinheiro Tupinambá. Doutor em medicina pela Faculdade de sua província, em 1853, após defender tese, intitulada: *De hemorrhagiis*. Assentou praça em 21-2-1854, no posto de Alferes 2º Cirurgião, sendo promovido a Tenente 2º Cirurgião aos 23-9-1857. Era portador da insígnia de Cavaleiro da Imperial Ordem da Rosa e sua última designação havia sido na guarnição da província do Maranhão (41).

-
- (39). — Teve baixa, por motivo de doença, quando a expedição se encontrava na Vila Miranda, MT., em fins de 1866, e pelo decreto de 20-3-1867 foi reformado "por sofrer moléstia incurável que o torna incapaz de continuar no serviço do exército".
- (40). — Pelo expediente de 25-4-1865, do Ajudante-General interino, foi determinado que este médico militar em vez de ir para Mato Grosso, seguisse para o Rio da Prata (*Diário Oficial*, edição de 17-5-1865). O seu desligamento da coluna deve ter se dado em Campinas, SP. Seguiu para o Paraguai, quando foi nomeado Major Cirurgião-mor de Brigada em Comissão, pela "Ordem do Dia" nº 15, do Quartel General em Tuiuti, de 21-12-1866. Serviu no 2º Corpo de Exército, como 1º médico da Enfermaria Central de Tuiuti e nos hospitais de Corrientes.
- (41). — Reformou-se este médico militar, na graduação de Major Cirurgião-mor de Brigada, tendo fixado residência na província do Pará. O Dr. Sacramento Blake faz referência a um trabalho do Dr. Tupinambá, sob o título *Análise filológica das vozes radicais da língua ário-tupi, ou idioma tupinambá*, cujos mss se encontravam na Biblioteca Nacional. (Sacramento Blake — Ob. cit., vol. 1, p. 222, Rio de Janeiro, 1883).

— Tenente 2º Cirurgião, doutor JOSÉ ANTÔNIO DE ANDRADE, natural da cidade do Rio de Janeiro e filho do Sr. José Antônio de Andrade e de D. Felicidade Luiza de Oliveira e Andrade. Doutor em medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro, quando, a 7 de dezembro de 1853, defendeu tese versando: *Das lesões que reclamam a formação da pupila artificial, quais os métodos e processos por que esta operação pode ser praticada*. Emp. Tip. — Dois de Dezembro — de F. da Paula Brito, Impressor da Casa Imperial, Rio de Janeiro, 1853. Entrou para o Serviço de Saúde do Exército, em 20-3-1854, no posto de Alferes 2º Cirurgião, tendo sido promovido a Tenente 2º Cirurgião pelo Decreto de 23-9-1857. Foi aluno pensionista do Hospital Militar e da Enfermaria do Arsenal de Guerra da Côrte, e por isso contava tempo de serviço de agosto de 1849 a março de 1853, com um pequeno período de interrupção. Encontrava-se servindo no 4º Batalhão de Infantaria, na Côrte.

— Tenente 2º Cirurgião, doutor MANOEL DA SILVA DALTRO BARRETO, natural da província da Bahia, filho do Dr. José Fabião Daltro Barreto. Diplomou-se pela Faculdade da Bahia, após defender tese de doutoramento, em novembro de 1859, sob o título: *Que parte tem a predisposição na produção das moléstias*. Assentou praça a 28 de junho de 1861, no posto de Tenente 2º Cirurgião. Encontrava-se servindo na guarnição da Côrte.

— Tenente 2º Cirurgião, doutor CÍCERO ÁLVARES DOS SANTOS, natural da ilha de Itaparica, Bahia, sendo seus pais o Doutor Vicente Ferreira Álvares dos Santos e D. Jerônima Cardoso Marques dos Santos. Médico pela Faculdade da Bahia, tendo defendido tese em novembro de 1861, intitulada: *Teoria do açúcar na economia animal*. Imp. na Tip. do Diário, Bahia, 1861. Foi aluno pensionista do Hospital Militar da Bahia, desde 15 de novembro de 1859 e ingressara no Corpo de Saúde, a 4-1-1862, no posto de Tenente 2º Cirurgião, contando tempo de serviço durante êsse período. Encontrava-se, anteriormente, servindo como 2º Cirurgião do Hospital Militar do Recife (42).

(42). — Retirou-se da Coluna Expedicionária quando esta se encontrava na Vila Miranda, sul de Mato Grosso, em 3 de outubro de 1866, por motivo de doença. Voltando para o Rio de Janeiro e após recuperar-se, foi o Dr. Cícero Alvares dos Santos nomeado, em 9 de abril de 1867, Capitão 1º Cirurgião em Comissão, com ordens para seguir, na primeira oportunidade, para o sul. Apresentou-se ao Exército em Operações, no Paraguai, a 12 de julho de 1867 e pela "Ordem do Dia" nº 107, de 15-7-1867, era designado para servir na reserva da ambulância que tinha de acompanhar o 1º Corpo do Exército Brasileiro, em marcha. Este médico militar é relacionado na obra atribuída ao Cirurgião da Armada, Dr. Francisco Felix da Costa Pereira, como tendo falecido por males adquiridos na Campanha do Paraguai (Nota 18).

— Tenente 2º Cirurgião, doutor GÁLDINO DE CARVALHO E ANDRADE, natural de Sergipe, sendo seus pais o Tenente-Coronel Felisberto de Carvalho e Andrade e D. Maria Pastora de Carvalho e Andrade. Doutor em medicina pela Faculdade da Bahia, cuja tese defendida em 28 de novembro de 1856, versou sobre *socorros que presta a física à medicina; os meios hemostáticos para combater as hemorragias provenientes de ferimentos arteriais e o preferível; o que se entende por moléstia; o valor terapêutico das emissões sanguíneas nas apoplexias*. Imprensa na Tip. de Camilo de Lellis Masson & C., Bahia, 1856. Assentou praça pelo decreto de 2-12-1860, no posto de Tenente 2º Cirurgião. Sua anterior lotação havia sido na guarnição da província natal.

— Tenente 2º Cirurgião, doutor JOAQUIM MARIANO DE MACEDO SOARES, nascido na Fazenda do Bananal, em Maricá, Estado do Rio de Janeiro, a 31-7-1836, filho do médico Dr. Joaquim Mariano de Azevedo Soares e de D. Maria de Macedo Soares. No Seminário de S. José fez o curso de humanidades e ingressou na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, quando a 15 de setembro e 23 de novembro de 1863, apresentou e sustentou a tese de doutoramento, na augusta presença do Imperador Dom Pedro II, sob o título: *Dodrainage como sucedâneo e preventivo das mutilações dos ossos*. Tip. Universal de Laemmert, Rio de Janeiro, 1863. Foi primeiro preparador de Anatomia Patológica, aluno pensionista de medicina e cirurgia do Hospital Militar da Côrte. No ano de sua formatura era membro conselheiro da Sociedade de Estatística Geral do Brasil e sócio efetivo da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, e de outras entidades culturais. Ingressou no Corpo de Saúde do Exército, pelo decreto de 6-2-1864, no posto de Tenente 2º Cirurgião do Hospital Militar da Côrte, em 1865, quando fôra designado para servir na comissão de saúde da Expedição de Mato Grosso (43).

— Tenente 2º Cirurgião, doutor SERAFIM LUIZ DE ABREU, natural da cidade de Jaguarão, Rio Grande do Sul, sendo seus pais

(43). — Desligou-se da coluna quando esta palmilhava terras da província de São Paulo e seguiu para o teatro principal da guerra, no sul, onde teve a oportunidade de prestar relevantes serviços junto aos 3 corpos do exército, sendo, por isso, elogiado em várias partes oficiais. Dirigiu o Hospital flutuante *Anicota*. Regressou, do Paraguai, a 25-12-1868, acompanhando doentes e feridos, já no posto de Capitão 1º Cirurgião e com as insígnias de Cavaleiro das Ordens de Cristo e da Rosa. Foi diretor do Hospital Militar, em Andaraí. Reformou-se na graduação de Major Cirurgião-mor de Brigada, pelo decreto de 12-9-1885. Dirigiu o Instituto Benjamin Constant (1889-1895). Faleceu a 11-5-1925, quase nonagenário. (Conselheiro Macedo Soares — *Nobiltarquia Fluminense*. Obras completas, — vol. 5, parte II, pp. 113-119). Martim F. Ribeiro de Andrada, fez publicar em "A Reforma", de 16-3-1876, nota agradecendo ao Dr. Macedo Soares, muito expressiva, por ter salvo sua filha Gabriela.

o Sr. Eufrásio Luiz de Abreu e D. Marcolina Joaquina de Abreu, doutor em medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro, quando a 29 de novembro de 1864, defendeu tese perante a banca examinadora constituída pelos Professôres Drs. Luiz da Cunha Feijó — presidente —, Manoel Maria de Moraes e Valle, Antônio Ferreira França, Mateus Alves de Andrade e Vicente Cândido Figueiredo de Sabóia. Sua tese cuidou: *Da blenorragia*. Tip. Paula Brito, Rio de Janeiro, 1864. Havia sido condecorado com a insígnia de Cavaleiro da Imperial Ordem da Rosa. Foi interno da extinta Casa de Saúde Providência e aluno pensionista dos Hospitais da Santa Casa de Misericórdia e Militar da Côrte. Assentou praça a 16 de janeiro de 1865, no posto de Tenente 2º Cirurgião, e encontrava-se, ainda, sem designação (44).

— Alferes Farmacêuticos PEDRO ALEXANDRE NUCATOR e TOBIAS ALVIM DO AMARAL. O primeiro entrara para o Serviço de Saúde do Exército, a 9-1-1858 e ocupava, na época, as funções de preparador de química e encarregado da farmácia do Laboratório Pirotécnico do Campinho, na Côrte, sendo o número dois, em antigüidade, no quadro de farmacêuticos. O segundo, diplomado em farmácia pela Faculdade de Medicina da Bahia, em 1864, ingressara no Serviço de Saúde a 12-3-1865 (45).

*

Os componentes da repartição de saúde da Coluna Expedicionária de Mato Grosso partem às 2 horas da tarde do dia 1 de abril de 1865, da Côrte, pelo vapor *Santa Maria* com destino a Santos, SP., em companhia dos demais oficiais de diversas armas e serviços. No mesmo transporte se encontravam o Chefe do Serviço de Saúde e o Comandante Geral da Coluna, como, também, os vinte enfermeiros que completavam o efetivo da repartição.

O Imperador Dom Pedro II e o seu genro, o Duque de Saxe, vão a bordo para levar as despedidas e prestigiar com suas augus-

(44). — No acampamento de Coxim, MT, o então jovem oficial Alfredo d'Escrag-nolle Taunay, começou a queixar-se de precordialgias e palpitações, tendo procurado Dr. Serafim de Abreu, que era para êle "um dos melhores médicos da expedição, mocinho hábil e que saíra da Escola com certa reputação". Recebeu o diagnóstico de cardiopatia reumática. (*Memórias do Visconde de Taunay*. Ed. Melhoramentos, s.d., São Paulo, p. 147). O Dr. Serafim de Abreu, retirou-se da coluna na vila Miranda, em fins de 1866, por motivo de doença. A 29-3-1867 era nomeado Capitão 1º Cirurgião em Comissão e com ordens para seguir para o Paraguai. Pela "Ordem do Dia Nº 100", do Quartel General em Tuiuti, de 11-7-1867, mandava servir na reserva da ambulância que deveria acompanhar o 1º Corpo do Exército, em marcha, porém, pela "Ordem do Dia" Nº 147, do Quartel General em Tuiuti-Cuê, de 5-11-1867, eram-lhe concedidos 4 meses de licença para tratar de sua saúde, no Brasil.

(45). — O "Almanaque do Exército" para o ano de 1865, comete um lapso no sobre nome d'este farmacêutico, ao publicar *Alves* do Amaral, em vez de *Alvim* do Amaral.

tas presenças a plêiade de oficiais do exército que ia desagrar a nação brasileira na longínqua província do Império.

Da cidade de Santos inicia uma longa e interminável marcha, repleta de obstáculos de tôda natureza, quer sanitários, quer administrativos, agravados pelas dificuldades do terreno da hinterlândia, a precaridade dos transportes e a ausência de recursos locais. No dia 3, às 9 horas da noite, chegavam à capital da província de São Paulo. Aí, a Coluna Expedicionária vai tomar forma com o recebimento e organização da fôrça, constituída de tropas da guarnição local, corpo fixo de cavalaria, corpo e polícia e uma companhia da guarnição do Paraná, vinda exclusivamente para anexar-se à Coluna. Na ocasião se anunciava a criação do 7º Batalhão de Voluntários da Pátria que deveria também partir para Mato Grosso, mas terminou seguindo para o sul.

A 10 de abril, pelas 4 horas da madrugada coberta de garoa, punha-se em marcha a diminuta fôrça em demanda de Campinas, passando por Jundiá. O contingente totalizava 563 homens, precariamente armados e disciplinados. No dia 15, a Expedição entrava na cidade de Campinas sendo recebida com alegria pelo povo que se afluíu no percurso da Rua Direita, itinerário dos soldados expedicionários. Após atravessarem a cidade, foram os nossos soldados acampar e aquartelar-se em casas da fazenda denominada Santa Cruz (46). A demora das forças, nesta cidade, se prolonga pelo espaço de 66 dias, motivada, principalmente, pela ausência de providências administrativas que deveriam ser tomadas, exclusivamente da alçada do govêrno central. Não havia numerários nem meios de condução das bagagens dos corpos; nenhum cavalo recebido por conta dos 2 mil mandados comprar pelo Ministério da Guerra, bem como arreios; autorização para o engajamento de tropeiros para o serviço etc... O Tenente-Coronel Drago permanece, em Campinas, imobilizado, sem condições de continuar a penetração pela província de São Paulo.

O Estado Maior da Expedição fica alojado na Câmara Municipal e enquanto não prosseguia a marcha, o povo campineiro recepciona os expedicionários com muito carinho. Dizia o então Te-

(46). — Hoje, nesse local, se encontra a "Praça Heróis da Laguna", cuja placa de identificação está completada com a inscrição: "Coluna de Drago aqui acampada em 1865". Há também, no mesmo logradouro, uma enorme pedra, onde se lê: "Aqui estacionaram os heróis de Laguna em marcha para o Norte do Paraguai, tendo partido de São Paulo em 10-4-1865, sob o comando do Cel. Drago". Essas informações nos foram fornecidas por gentileza do eminente historiador da medicina brasileira, Dr. Lycurgo Santos Filho.

nente Taunay, em carta endereçada à sua irmã Adelaide, em maio de 1865:

“A nossa permanência em Campinas tem sido a mais agradável, já não sei quantas festas, saraus, jantares e bailes temos assistidos. Isto sem contar a jogos de prendas de que, todos, diariamente, quase participamos” (47).

No Mapa do movimento das fôrças, de 29 de maio de 1865 (48), verifica-se que a Expedição totalizava 484 homens e encontravam-se baixados ao hospital provisório, instalado no Edifício do Teatro São Carlos, 42 soldados das seguintes unidades: 3 do Corpo de Artilharia do Amazonas; 10 do Corpo Policial de São Paulo; 11 do Corpo da Guarnição da Província do Paraná; 12 do Corpo da Guarnição da Província de São Paulo e 6 da Companhia de Cavalaria da mesma província. Até esta data, houve 2 óbitos de praças pertencentes ao Corpo de Artilharia do Amazonas e do Corpo da Guarnição de São Paulo. As deserções somavam a 96.

Em Campinas, surgia o primeiro surto de varíola da Expedição que atingiu, principalmente, os componentes do Corpo de Artilharia do Amazonas, incorporados à Coluna, nesta cidade, em 15 de maio de 1865, constituído de apenas 33 praças (49). Os soldados variolosos foram alojados e tratados em uma enfermaria de isolamento, instalada por iniciativa da Câmara Municipal, cuja localização não conseguimos identificar.

No final do estacionamento das fôrças 6 óbitos a lamentar e desertam 159 praças de diferentes corpos, sendo o maior número dêles pertencentes ao Corpo Policial de São Paulo e da Companhia de Cavalaria da Guarnição de São Paulo, que quase ficou extinta. Na saída da cidade de Campinas, os convalescentes tiveram a oportunidade de usar o *cacolet* como meio de transporte.

(47). — TAUNAY, Visconde de — “*Cartas da Campanha de Mato Grosso: — 1865-1866*”. Ed. da Biblioteca Militar, Rio de Janeiro, 1944, p. 49.

(48). — *Arquivo Nacional*. Cód. 547, Guerra do Paraguai, vol. 3, p. 100.

(49). — Esse pequeno contingente de artilharia, reduzido a 68 soldados, pertencia ao corpo fixo do Amazonas e havia partido de Manaus a 27 de fevereiro de 1865, juntamente com o corpo fixo de infantaria e fuzileiros da mesma província. Ao todo 334 homens. Viajaram pelo vapor *Tapajós* até a cidade de Belém e nesta Capital foram se juntar às fôrças locais, quando se formou uma divisão de 800 homens que partiu para a guerra, no sul, a bordo do *Apa*, tendo chegado ao Rio de Janeiro, em 30-3-1865. (*Diário Oficial. Império do Brasil*. Edições de 16-4-1865 e 31-3-1865). Na cidade de Campinas só chegaram 33 praças deste corpo de artilharia, pois ficaram 25 na Côte, 2 na cidade de Santos, 1 nas barreiras do Cubatão e 7 na cidade de São Paulo. (*Arquivo Nacional*. Cód. 547, Guerra do Paraguai, vol. 3, p. 78 v.).

Prosseguindo na penetração da hinterlândia paulista, a Coluna Expedicionária com uns 430 homens parte de Campinas, a 20 de junho de 1865, passando por Mogi-Mirim, Mogi-Guaçu, Casa Branca, Cajuru, Batatais, Franca do Imperador e atinge, finalmente, Uberaba, província de Minas Gerais, em 18 de julho de 1865.

* * *

Como chefe do Corpo de Saúde da Expedição, encontrava-se o Capitão 1º Cirurgião, doutor ANTÔNIO DE JESUS E SOUZA, veterano de guerra, em cujo peito ostentava orgulhoso a “Medalha da Campanha do Uruguai”, suspensa pela fita de côr verde e conquistada pelos relevantes serviços prestados como médico militar ao exército sob o comando do então Tenente General Conde de Caxias.

O doutor JESUS E SOUZA era natural da cidade do Salvador, Bahia, tendo ingressado no Corpo de Saúde pelo decreto de 30-1-1852, no posto de Alferes 2º Cirurgião. A 2-12-1854 foi promovido a Tenente 2º Cirurgião e Capitão 1º Cirurgião de 2-12-1859. Doutor em medicina pela Faculdade da Bahia, em 1851, com a tese inaugural, intitulada: *Proposições sôbre os diversos ramos da medicina*. Cultivava, também, as belas letras, sendo um poeta lírico. Publicou, ainda como estudante, em 1848, um livro de poesias e no mensário *Ateneu* — primeiro jornalzinho acadêmico lançado na Bahia —, em os números 2 e 4, figuram versos de sua inspiração (50).

Fisicamente, era o doutor JESUS E SOUZA, segundo retrato feito pelo Visconde de Taunay, baixote, tez morena um tanto esverdeada e oleosa, falar macio, quando não obedecia a acessos de verdadeiro furor. Diz ainda o Visconde de Taunay, que certo dia, numa das salas do Hospital da Santa Casa de Misericórdia de Uberaba, êle gritava como um possesso: — Cubram a figura do Cristo, pois quero descompor a gôsto (51). Para Taunay, o doutor JESUS E SOUZA valia, sòzinho, na profissão, mais do que todos os demais médicos da expedição e era severo no cumprimento dos deveres dos seus colegas. Enfim, um autêntico chefe. Infelizmente, o então jovem oficial Alfredo d’Escragnolle Taunay, foi bastante injusto na

(50). — Este jornal dos estudantes da Faculdade de Medicina da Bahia, foi fundado e dirigido por Sacramento Blake (1849-1850) — então aluno da Faculdade —, e aparecia com vinte páginas. Constavam em epigrafe, dois versos do padre José Agostinho de Macedo: — “Oh! doce amor das artes, das ciências, / Como viver sem ti?...” — (Alexandre Passos — *Um século de imprensa universitária* — III, In “Jornal do Comércio”, Rio, 6-5-1962).

(51). — *Memórias do Visconde de Taunay*, Edições Melhoramentos, São Paulo, pp. 136-137.

apreciação dos valores da comissão médica da expedição, quando muita vez critica a conduta de alguns e até mesmo a terapêutica empregada por outros. Relevando-se êsses conceitos, tendo em vista sua pouca idade, naquela época, entretanto, vamos encontrá-los repetidos, mais tarde, no livro de memórias, escrito na época comum da ponderação e do respeito. Êle possuía a frustração de não ter seguido a profissão hipocrática, impedido de o fazer pelo próprio pai, o Barão de Taunay, por julgá-la tarefa inferior (52).

Para confirmar o Visconde de Taunay acêrca do rigorismo no cumprimento do dever instituído pelo Dr. ANTÔNIO DE JESUS E SOUZA na Expedição, vamos transcrever trechos de documentos que comprovam tal conceito. Realmente, houve, na época, censuras contra o tratamento dispensado aos enfermos e o procedimento do Chefe de Serviços de Saúde, quando a Expedição se encontrava em Campinas. Ciente o Ministro da Guerra destas propaladas notícias, manda expedir comunicado solicitando esclarecimentos ao Comandante-em-Chefe da Expedição. O Coronel Drago, logo que toma conhecimento, comunica-se com o seu superior, a 20 de maio de 1865, alegando serem infundadas tais notícias, pois os doentes recebiam o melhor tratamento e todos os cuidados possíveis, e dizia textualmente:

“... a Repartição de Saúde tem bem cumprido seus deveres, no tratamento das praças enfermas, não posso deixar de com muito pesar, informar a V. Excia. que tendo o 1º Cirurgião Dr. Antônio de Jesus e Souza, desenvolvido o maior zelo e solicitude pelo bem do serviço da repartição de saúde a seu cargo, exigindo que, não sòmente os preceitos da ciência, mas também, como convém, os da disciplina militar sejam observados pelos oficiais de saúde seus subordinados, têm êstes em geral se mostrado pouco dispostos à observância destes últimos preceitos, e em sua conduta particular levado bem longe a má vontade e o despeito a pessoa do médico seu chefe: procedimento êste que se tem tornado tão público nesta cidade que já me vi obrigado a chamá-los à minha presença para os admoestar como efetivamente os admoestei...” (53).

Logo após, em officio de 29 de maio de 1865, o Coronel Drago ao cumprir a indagação do Ministro da Guerra formulada nos seguintes têrmos:

“O Corpo de Saúde acha-se desgostoso, pelas imprudências de seu chefe, o Dr. Antônio de Jesus e Souza, ao qual V. Excia. dá ouvidos, sem atenuar as suas imprudências”, respondia o comandante da Expedição, prontamente: “Ê infelizmente verdade que se acham

(52). — *Idem, Ibidem.* pp. 69, 136, 208 e 223.

(53). — *Arquivo Nacional.* Cód. 547, Guerra do Paraguai, vol. 3, p. 78 v.

em geral descontentes os oficiais do Corpo de Saúde; não é porem a alegada a causa verdadeira de tal desgosto. Para êle influi nestes oficiais, além das circunstâncias que, em referência à tôda a expedição, tenho acima enumerado tratando da 2ª alegação, a de se verem nesta extensa marcha privados das vantagens da clínica particular que em outras comissões de serviço acumulariam, e mais a de verem compelidos a obedecer aos preceitos da disciplina militar, cujos hábitos lhes faltam e não querem adquirir, fazendo alvo do seu comum despeito por havê-los requisitados para esta expedição, e procura contê-los na órbita de seus deveres o seu muito prudente e zeloso chefe Dr. Antônio de Jesus e Souza..." (54).

Não há dúvida de que o Dr. ANTÔNIO DE JESUS E SOUZA como antigo militar e profissional conceituado, era bastante severo e os oficiais médicos, desde a cidade de Campinas, começaram a deixar a Coluna, seguindo, depois, para o Paraguai, zona de guerra atuante que se combinava com o temperamento de alguns e bem diferente da rotina de uma expedição monótona e sem-fim.

O Coronel Manoel Pedro Drago, o Tenente-Coronel José Miranda da Silva — chefe da comissão de engenheiros —, e o Capitão 1º Cirurgião, doutor ANTÔNIO DE JESUS E SOUZA, no percurso da expedição permaneciam sempre juntos e constituíam os diretores da coluna. Dêstes dois chefes de serviço, recebeu o Cel. Drago, uma colaboração eficiente e leal (55).

O Dr. JESUS E SOUZA desejou fazer vida universitária, tendo para isso se inscrito para o lugar de opositor em ciências médicas, na Faculdade de Medicina da Bahia, quando, no prazo de apresentação da tese, a 7-5-1861, comunicou, em officio, sua desistência, por preferir fazer o concurso de cirurgia, para o qual havia, igualmente, se inscrito. Também para a clínica cirúrgica, êle não reali-

(54). — *Arquivo Nacional*. Cód. 547, Guerra do Paraguai, vol. 3, p. 88.

(55). — Quando a Coluna Expedicionária se encontrava no acampamento do Rio dos Bois, Goiás, a 20-10-1865, e o Cel. Drago era destituído do comando e voltava para o Rio de Janeiro, o Dr. Jesus e Souza o acompanhou, por solidariedade ou porque se achasse realmentê doente. Porém, mal refeito da enfermidade, partiu, em 1866, para o sul, Paraguai, comissariado no posto de Major Cirurgião-mor de Brigada, sendo pela "Ordem do Dia" Nº 62, do Quartel General em Tuiuti, de 3-4-1867, designado para servir nos hospitais de Corrientes. Em plena guerra é promovido, por merecimento, na graduação efetiva de Major Cirurgião-mor de Brigada, conforme publicação da "Ordem do Dia" Nº 176, do Quartel General em Tuiuti-Cuê, de 9-1-1868. Nesse mesmo ano, veio a falecer de pneumonia lobar, a 2 de março, em campanha, após ter prestado relevantes serviços na guerra. Para Sacramento Blake era o Dr. Jesus e Souza, talvez, a primeira inteligência do Corpo de Saúde do Exército Brasileiro e acrescenta que êle tinha pronta uma obra sobre higiene militar e havia escrito um trabalho acêrca da expedição, sob o título *Impressões de Goiás*, cujos originaes se encontravam em poder de uma sua irmã, na Bahia. (SACRAMENTO BLAKE — *Ob. cit.*, vol. 2, 1883, p. 193).

zou o seu intento, pois, ao comunicar à direção da Faculdade sua retirada do concurso, alegou estar

“inibido por suas ocupações como médico militar” (56).

No acampamento de Santa Rita do Parnaíba, hoje Itumbiara, Goiás, o Dr. ANTÔNIO DE JESUS E SOUZA pratica uma pequena intervenção cirúrgica no jovem 2º Tenente Taunay, extirpando-lhe um corpo estranho da abóbada palatina, que o fazia padecer. Tratava-se de uma espinha de peixe “dourado”, que havia causado a infecção e com perícia o chefe da repartição de saúde o aliviou, tanto do corpo estranho como do abscesso que se formara.

VI

A CONCENTRAÇÃO DAS FÔRÇAS EXPEDICIONÁRIAS EM UBERABA.

Finalmente, a 18 de julho de 1865, chegavam as fôrças de São Paulo e da província do Paraná, à cidade de Uberaba, MG., depois de quatro longos meses. Lá se achavam acampadas, desde 20 de junho, no local denominado Cachimbo, arredores da cidade, a brigada mineira trazida de Ouro Preto pelo Coronel José Antônio da Fonseca Galvão e constituída de 1.212 homens.

Esta brigada havia saído de Ouro Preto — antiga capital de Minas Gerais —, a 10 de maio de 1865, após solene despedida promovida pelo govêrno provincial e pelo clero, tendo à frente o governador Saldanha Marinho e Dom Antônio Ferreira Viçoso, bispo de Mariana. A sua formação era composta do 17º Batalhão de Voluntários da Pátria, comandado pelo Tenente-Coronel em Comissão, Antônio Enéias Gustavo Galvão — depois Brigadeiro e Barão do Rio Apa, em 30-3-1889; do 21º Batalhão de Infantaria de Linha, sob o comando do Capitão Melo e do 1º Corpo Policial de Minas, Comandado pelo Major Demétrio.

O Serviço de Saúde era formado pelos Tenentes 2ºs. Cirurgiões, Doutores MANOEL DE ARAGÃO GESTEIRA e CARLOS JOSÉ DE SOUZA NOBRE, dos farmacêuticos Manoel Frederico de Oliveira Jacques — contratado pelo govêrno provincial — e João Bheering Júnior — como Voluntário da Pátria —, além de sete enfermeiros.

(56). — RODRIGUES DA SILVA, Dr. F. — *Memória histórica dos acontecimentos notáveis ocorridos no ano de 1861, na Faculdade de Medicina da Bahia* — In “Relatório apresentado à Assembléa Geral legislativa na segunda sessão da décima segunda legislatura, pelo Ministro e Secretário de Estado dos Negócios do Império”, Rio de Janeiro, 1862.

O contingente mineiro havia sido quase todo imunizado contra a varíola, medida preventiva que muito honrava e exaltava o seu serviço médico, e, dêsse modo, vinha situar a tropa em melhores condições sanitárias para enfrentar a longa marcha com destino a Mato Grosso.

O Tenente 2º Cirurgião, Doutor MANOEL DE ARAGÃO GESTEIRA era natural da cidade do Salvador, Bahia, nascido a 9 de dezembro de 1830, sendo seus pais o Dr. Francisco Marcelino Gesteira — professor da Faculdade de Medicina da Bahia — e D. Cândida Rosa de Aragão Gesteira. Doutor em medicina pela Faculdade de sua província natal, tendo sustentado tese, a 14-12-1855, sôbre os temas: *Qual a causa das ascites na Bahia? — Qual o tratamento que mais tem aproveitado na febre amarela na Bahia?* — Tip. de Epifanio Pedrosa, Rua dos Capitães, nº 49, Bahia, 1855. Entrou para o Serviço de Saúde do Exército, a 2 de dezembro de 1860, no posto de Tenente 2º Cirurgião e encontrava-se como encarregado da enfermaria militar da guarnição de Minas Gerais, na capital desta província.

O Tenente 2º Cirurgião, Doutor CARLOS JOSÉ DE SOUZA NOBRE havia assentado praça a 20-2-1864 e sua primeira designação fôra na guarnição de Ouro Preto (57).

Dos médicos militares que compunham a Repartição de Saúde do Corpo Expedicionário e embarcados na Côrte, dois Capitães 1ºs. Cirurgiões haviam se retirado das fôrças quando estas se encontravam em Campinas. Também da província de São Paulo, o Tenente 2º Cirurgião, Doutor JOAQUIM CÂNDIDO DE MACEDO SOARES, voltava ao Rio de Janeiro e seguia, logo após, para o teatro da guerra, no Paraguai.

A tropa vinda de São Paulo, apesar de cansada pela longa caminhada, chegou a Uberaba em regular estado físico, pois houve fartura de gêneros de ótima qualidade, durante todo o trajeto, e, assim, os soldados foram bem alimentados. As enfermidades graves acusaram índices bem reduzidos, sobressaindo-se a varíola que desde a cidade de Campinas acompanhou a tropa, motivo de preocupações e cuidados para os médicos integrantes do Serviço de Saúde.

A permanência da coluna do Coronel Drago em Uberaba — onde se lhe incorporou a fôrça mineira —, foi de quarenta e sete dias. Nesse período houve 14 óbitos e desertaram 76 praças. Os soldados enfermos foram alojados e tratados numa enfermaria do Hospital

(57). — Dados bio-bibliográficos do Dr. Carlos Nobre, no capítulo IX, que trata da retomada de Corumbá.

da Santa Casa de Misericórdia — edifício não de todo acabado —, cuja direção do serviço, após a retirada das tropas, ficou a cargo do cirurgião capitão da Guarda Nacional, doutor RAIMUNDO DES-GENETTES (58), parente do famoso médico-chefe dos exércitos de Napoleão, Nicolas du Friche, Barão Desgenettes (1762-1837).

Após a junção das duas forças, prossegue a Coluna Expedicionária em sua marcha lenta, saindo de Uberaba, a 4 de setembro de 1865. No dia anterior, o comandante Drago, comunica ao governo, que em vez de seguir a estrada de Santana do Paranaíba tomaria a do Rio Claro, no interesse da expedição. Acrescentava, ainda, que essa resolução foi tomada pelo receio de assaltos dos paraguaios naquela região (59). O Coronel Drago se dirigia para Cuiabá.

As praças iam recomeçar novas e intermináveis caminhadas pelos sertões bravios e desprovidos de recursos locais, e a mudança do itinerário provocaria alteração no abastecimento de provisões já estabelecidas pelos governos provinciais.

O objetivo principal da coluna era desalojar os invasores do sul de Mato Grosso, mas o contingente reunido e em marcha para esta finalidade, fôra considerado insuficiente. O Governo expedia ordens e contra ordens, numa chuva constante de instruções, e impacientava-se pela demora do deslocamento da força.

A tropa, apesar de desprovida de quase tudo, mostra-se de moral elevado, favorecida pelo contacto com a paisagem de lindos campos e exuberantes matas que compunham as terras das três províncias palmilhadas pela expedição. Atravessando riachos e rios caudalosos, vendo espécimes da flora e da fauna que coloriam festivamente os caminhos percorridos. Tomando conhecimento de plantas medicinais tão ricas naqueles terrenos e de suas variadas aplicações na cura de males.

Quando as forças ainda se achavam em território da província de Minas Gerais, no arraial de Santa Maria, encontram-se com o Coronel Carlos Augusto de Oliveira, antigo comandante das armas da

(58). — Era natural de Montpellier, França, e brasileiro naturalizado. Médico pela Academia de Brest. Chegou ao Brasil antes do ano de 1840 e participou da rebelião de Minas, em 1842, tendo tomado parte no combate de Santa Luzia do Sabará. Foi deputado à Assembléa Provincial de Goiás. Após ter enuviado, abandonou a medicina prática e tomou ordens sacerdotais. Vigário de Entre-Rios, Goiás, e escreveu trabalhos mineralógicos e de assunto religioso. Há controvérsias quanto aos seus prenomes: para Sacramento Blake era Raimundo Henrique, enquanto Lycurgo Santos Filho escreveu Henrique Raimundo. (Sacramento Blake — *ob. cit.*, vol. 7, p. 112 e Lycurgo Santos Filho — *ob. cit.*, vol. 2, pp. 358-359).

(59). — NABUCO, J. — *Um Estadista do Império*. — Civilização Brasileira, S/A Editora, Rio de Janeiro, 1936, pp. 504-507.

província de Mato Grosso, que se encaminhava para a Côrte. Fôra-lhe prestado socôrro médico por ordem do chefe da expedição, pois, êste official viajava atacado pelo impaludismo que lhe abatia o organismo, há cêrca de um ano, infectado que fôra no Baixo Paraguai. Além da moléstia vinha acabrunhado pelos acontecimentos em que estivera envolvido, na defesa de Corumbá.

Na vila Monte Alegre, Minas Gerais, tendo recrudescido os casos de varíola que vinham acompanhando às fôrças, foi instalada neste local uma enfermãria, a cargo de um dos médicos militares da expedição, cujo nome não nos foi possível identificar. Dai em diante, cessou a incidência dessa virose na coluna.

A 22 de setembro, deu-se início aos trabalhos para a transposição do Rio Paranaíba, cujas dificuldades foram imensas devidas à enorme bagagem e a utilização de uma única barca. Sòmente no dia 29, terminava esta tarefa com todos os pertences do Corpo Expedicionário na margem direita deste rio. Sabe-se que o efetivo das fôrças era de uns 1.600 homens, pois, grandes foram as baixas por doenças e deserções. O número de muares somava a 2.500, excluídos os do fornecedor que ainda levava os bois para o consumo e das viaturas de mantimentos.

Transposto o rio, a coluna vai acampar perto do povoado de Santa Rita de Cássia ou Santa Rita do Paranaíba, hoje denominada Itumbiara, província de Goiás. Depois seguia direção a outro obstáculo importante: o Rio dos Bois. Aí, também, a Comissão de Engenheiros junto às fôrças expedicionárias estêve empenhada na construção de canoas para a passagem do pessoal e material da coluna, tendo iniciado os trabalhos a 8 de outubro de 1865. Quando prosseguia a faina de transposição do rio e ativava-se o trabalho, recebia o Coronel Drago, no dia 18, ordem do govêrno para recolher-se a Côrte. Êste official havia sido exonerado, a 1 de outubro, dos cargos de presidente e comandante das armas da província de Mato Grosso, tendo assumido essas funções o chefe de esquadra, reformado, Augusto Leverger, Barão de Melgaço, que se encontrava em Cuiabá. O Govêrno Imperial, a 1 de dezembro de 1865, mandava responder o Cel. Drago a conselho de guerra, antes procedido o de investigação, cujos membros nomeados foram: Brigadeiro Henrique de Beaurepaire Rohan — presidente, e vogais os Coronéis Sebastião Francisco de Oliveira Chagas e Alexandre Maria de Carvalho Oliveira (60).

O Coronel Manoel Pedro Drago não era responsável pelas dificuldades imensas e obstáculos sem conta encontrados pelos lugares

(60). — JOURDAN, E. C. — *ob. cit.*, volume 2, pp. 60-61.

percorridos, e esta expedição era minguada de recursos para sustentá-la na vastidão de território deserto que ela tinha de palmilhar e ultrapassar, a fim de atingir o seu objetivo. Diz Taunay, que o Cel. Drago ficou em Campinas, sem dinheiro e sem autorização para assinar o contrato de transporte de bagagem, de fornecimento etc., que o obrigou a esperar, durante um mês e meio, pelos funcionários encarregados de tais providências, e acrescenta, que, em Uberaba, êle encontrou 1.600 homens sem armas nem instruções e com a artilharia em péssimo estado (61). Tornaram-se, então, necessários aquêles quarenta e sete dias de acampamento, em Uberaba, para adestramento das fôrças. A demora do Coronel Drago era justificável e revelava bom senso, mas exaspera o govêrno imperial e daí a sua demissão. Ainda mais, Drago, em vez de seguir a estrada de Santana do Paranaíba, conforme instruções, tomou a do Rio Claro, aumentando, dêsse modo, o percurso do objetivo da expedição, que era o sul de Mato Grosso. Sua intenção seria atingir Cuiabá, para, então, assenhorear-se melhor da situação e aumentar o efetivo da tropa, reunindo meios suficientes para enfrentar o inimigo.

A 19 de outubro de 1865, quando estava quase terminada a trabalhosa passagem do Rio dos Bois e a coluna havia marchado sessenta léguas de Uberaba e encontrava-se a dezoito léguas de Mato Grosso, assumia o comando geral da Fôrça Expedicionária o Coronel José Antônio da Fonseca Galvão. No dia seguinte, o Coronel Manoel Pedro Drago (62), partia para a Côrte, cercado de tôda consideração, respeito e simpatia dos seus comandados.

No dia 22 estava terminada, finalmente, a transposição do Rio dos Bois, com todo o contingente e bagagem da Expedição na sua margem direita, e no dia seguinte era levantado o acampamento

(61). — TAUNAY, Visconde de — *Cartas da Campanha de Mato Grosso* — (1865 a 1866). Edição da Biblioteca Militar, Rio de Janeiro, 1944 p. 101.

(62). — Caxias, nomeado Chefe do Exército em Operações, envia ofício ao Ministro da Guerra, em 15-12-66, relacionando os oficiais que deveriam acompanhá-lo e entre êstes se distinguia o nome do Cel. Drago. (*Arquivo Nacional*. Códice 547, Guerra do Paraguai, v. 10, pp. 22-23). Faleceu o Cel. Drago no Rio de Janeiro, a 12 de abril de 1882, com a graduação de brigadeiro reformado. Dizem que sua morte tivera causa no profundo desgosto pela perda da filha, operada pelo cirurgião e anatomista francês, Dr. J. A. Fort. O Brigadeiro Drago, como tantos outros brasileiros, mantiveram violenta polémica, pela imprensa, com êste médico e professor gaulês. A estada do Dr. Fort, no Brasil, nos anos de 1880 e 1881, foi revestida, inicialmente, por manifestação de simpatia e aprêço, tendo o mesmo lecionado cursos livres assistidos pelo Imperador Dom Pedro II, porém, terminou incompatibilizado com a opinião pública e a classe médica. (*Memórias do Visconde de Taunay*, p. 129 e Carlos da Silva Araújo — *O anatomista e cirurgião J. A. Fort no Rio de Janeiro*. Separata da Revista "Laboratório Clínico", 2º Trimestre de 1961, Rio de Janeiro).

em direção à vila das Dores do Rio Verde, também denominada Vila das Abóboras, hoje cidade do Rio Verde.

A coluna vai penetrar mais ainda no sul da província de Goiás, terreno constituído de lindos campos e formosos vales, que na concepção poética de Taunay (63), formavam cenários inesquecíveis para todos. Diz êle que, no início das marchas, pela madrugada, deparava com incontável número de passerada e da mais variada: bem-te-vis, canários, papa-capins, bicudos, sangues-de-boi, tisios, azulões, graúnas, lavadeiras, anus, pintassilgos, sabiás. E mais adiante, encontravam bandos e bandos de papagaios, araras, periquitos, gaviões. Revoadas de pombas-caboclas e rôlas fogo-apagou, andorinhas e tesouras. Emas e seriemas. Junto aos barreiros e regatos: os veados, as perdizes, as antas, os queixos-ruios, as sucuris. As onças trazendo terror e sobressaltos. As jibóias. Havia, também, mangabeiras em profusão e a presença dos buritizais, embelezando a paisagem com suas palmeiras e anunciando a existência d'água. Desde Uberaba que os buritis eram encontrados pelos caminhos. Nos grandes rios: jacarés, ariranhas, piranhas e peixes das mais variadas espécies.

A 31 de outubro, entrava a fôrça na Vila das Abóboras. Após quatro dias de descanso, seguiu destino ao depósito de mantimentos denominado Baús, MT., aí chegando a 24 de novembro. Antes de atingir êste local, atravessou o contingente outro obstáculo respeitável que foi o Rio Claro. A Fôrça Expedicionária, começou, então, a ressentir-se de mantimentos e foi obrigada a diminuir a ração diária, quando faltou totalmente a farinha de mandioca e o sal escasseava. Os recursos locais eram bem reduzidos, pois tratava-se de regiões quase despovoadas e sem grande cultivo, ainda agravado pela sêca do ano transcurso. Infelizmente, o depósito de abastecimentos de Baús, organizado pelo presidente da Província de Goiás, não foi tão promissor e a esperança da soldadesca caía por terra... A tropa, nêsse local, foi obrigada a refazer-se, depois de contínuas marchas, aí permanecendo pêlo espaço de cinco dias. No dia 30 de novembro prosseguia a marcha para Coxim.

Em derredor da Vila das Abóboras, Goiás, observou Taunay a incidência de numerosos *papudos*, tendo chamado sua atenção uma mulher portadora de bócio demasiadamente volumoso e tão cheio de *protuberâncias*, que êle não resistiu e fêz um desenho (64). Possivelmente, tratava-se de bócio endêmico difuso. Não acrescentou

(63). — TAUNAY, Visconde de — *Cartas da Campanha de Mato Grosso*, p. 129.

(64). — *Idem. Ibidem.* p. 128.

Taunay outros dados que pudéssemos afirmar ser bócio acompanhado de cretinismo, o que é freqüente encontrar-se nas regiões onde há bócio endêmico. O aumento de volume da tiróide nos habitantes daquela província fôra também observado em outras regiões de Goiás, pelo médico e botânico escossês Dr. George Gardner, quando por lá andou, em fins de 1839 e começos de 1840 (65).

As fôrças transitavam por estradas que eram trilhas de gado e por isso a imensa dificuldade no transporte, principalmente para as viaturas das peças de artilharia e das carroças de mantimentos, pois estas sempre se encontravam atrasadas, obrigando às paradas quase freqüentes. A 16 de dezembro, a coluna chegava à margem esquerda do rio Taquari e no dia 18 iniciava a sua passagem, cujos trabalhos se encerraram a 20, com todo o contingente acampado no lugar denominado Coxim — local de pequena colônia militar de Taquari ou Beliago, fundada mui recentemente e destruída pelas hostes paraguaias, na invasão. Até êste ponto e segundo a avaliação feita pela Comissão de Engenheiros, a Fôrça Expedicionária havia percorrido, de Santos ao Taquari, duzentas e sessenta e quatro léguas (66). E no período de quase nove meses!

VII

O ACAMPAMENTO DE COXIM E A MARCHA PARA O SUL MATO GROSSO.

Em Coxim, território matogrossense, já se encontravam acampadas, de há muito, as seguintes fôrças da província de Goiás: 20º Batalhão de Infantaria com 376 praças e o esquadrão de cavalaria, constituído por uma companhia de cavalaria de linha da província e outra companhia de cavalaria de Voluntários da Pátria, formando um efetivo de uns 200 homens. O batalhão havia partido da capital de Goiás, a 15 de maio de 1865, sob o comando do Tenente-Coronel Joaquim Mendes Guimarães e o esquadrão de cavalaria, em 8 de julho, comandado pelo Major em comissão Eliseu Xavier Leal. Ambas as fôrças seguiram a direção da via Rio Verde, percorrendo umas cento e trinta léguas.

Como responsável pelo Serviço de Saúde, adido ao 20º Batalhão de Infantaria, encontra-se o Tenente 2º Cirurgião, Dr. CÂNDIDO MANOEL DE OLIVEIRA QUINTANA, natural da cidade

(65). — GARDNER, G. — *Viagens no Brasil*. Tradução de Albertino Pinheiro. Brasileira, Com. Ed. Nacional, 1942, pp. 275, 282, 283, 289, 290 e 305.

(66). — TAUNAY, Visconde de — *Marcha das Fôrças* — Comp. Melhoramentos de São Paulo, s.d., pp. 144-148.

do Rio de Janeiro (Côrte), nascido em 10-9-1829 e filho de Domingos Manoel de Oliveira Quintana e de D. Cândida Angélica da Nóbrega Quintana. Doutor em medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro, em 1855, quando apresentou e defendeu tese sob o título: *Inflamação em geral e tôdas as suas terminações*. Tip. Imparcial de M. J. P. da Silva Júnior, Rua da Carioca, nº 32, Rio de Janeiro, 1855. Assentou praça como Alferes 2º Cirurgião, em 29 de agosto de 1857, sendo promovido a Tenente 2º Cirurgião, em 23 de setembro de 1857. Mui brevemente seria Capitão 1º Cirurgião, isto é, aos 22 de janeiro de 1866.

Nêsse acampamento, a Coluna Expedicionária sob o comando geral do Coronel José Antônio da Fonseca Galvão, recebeu uma nova organização, formando duas brigadas: a primeira, com 1.157 praças e constituída pelo 17º de Voluntários de Minas Gerais, o 21º Batalhão de Infantaria e o Córpo de Artilharia do Amazonas; a segunda, com um contingente de 914 homens, composta pelo 20º Batalhão de Infantaria e esquadrão de cavalaria de Goiás, voluntários e policiais de São Paulo e Minas Gerais. Totalizava um efetivo de 2.071 homens. O Serviço de Saúde compunha-se de 9 médicos e 28 enfermeiros.

Além dos expedicionários, a concentração de Coxim reunia um número considerável de pessoas, mulheres e crianças — famílias dos soldados —, que seguiam na esteira da Coluna. Era um hábito antigo do exército, que fazia transtornar a marcha e criar problemas sérios quanto à disciplina e à alimentação, principalmente.

O acampamento de Coxim ocupava uma extensão de quase uma légua e ficava à margem direita do Rio Taquari, iniciando-se na confluência dêste com o Rio Coxim. Nêste local havia um agrupamento humano calculado em 3.000 pessoas, com as praças e suas famílias, carreteiros, bagageiros etc.

Iniciadas as chuvas, a Coluna ficou imobilizada, resultando, em conseqüência, a escassez do abastecimento. O coronel José Antônio da Fonseca Galvão — velho e austero soldado — presenciando aquela situação aflitiva, envia constante correspondência solicitando recursos e numa delas, dirigida ao presidente da província de Mato Grosso, dizia que se encontrava

“com imensa preocupação para atender a quase três mil bôcas” (67).

Quem surge em socôrro da Coluna é o presidente de Goiás, Augusto Ferreira França. Diz Taunay, que

(67). — *Arquivo Nacional*. IG 1 — 241, doc. 205.

“se não fôra a incansável dedicação daquele distinto brasileiro, a expedição teria infalivelmente se dissolvido no Coxim, depois dos mais tremendos horrores” (68).

Realmente, o presidente da província de Goiás foi inexaurível no apoio às forças imperiais e não media esforços para atendê-las. Quem lê a correspondência do Cel. Galvão para êste presidente de província nota a enorme preocupação e desalento do chefe da Expedição pelo destino dos seus comandados, solicitando gêneros e mais gêneros. Até sentimos a sensação de fome no manuseio desses documentos... Porém, existem os inúmeros quadros demonstrativos das remessas de alimentos que comprovam o pronto atendimento do Dr. Augusto Ferreira França. O próprio Cel. Galvão, nas suas comunicações, reconhece e enaltece a presteza dessas províncias, mas o grande problema era os meios de transportes. Os pontos de abastecimento criados pelo presidente da província de Goiás, estavam abarrotados de alimentos. E' necessário ser lembrado que tudo em volta do Coxim, era um imenso território deserto e com as chuvas caídas completavam o isolamento e as dificuldades.

Ainda sôbre o acampamento de Coxim, diz Taunay que a sua permanência foi um lento martírio e ao escrever o *Relatório geral da comissão de engenheiros nas forças em operações ao sul da província de Mato Grosso, 1866*, anexo, ao Relatório do Ministério da Guerra de 1867, afirmara:

“Nêste estado desesperado a fôrça achou-se a braços com a mais completa míngua. *Reduzida à simples carne, por espaço de mais de mês, muitas vêzes lhe faltou aquêl alimento exclusivo, que deu em resultado o aparecimento de várias moléstias* (Os grifos são nossos). Os gêneros de primeira necessidade chegaram a preços exorbitantes, aproveitando-se a ganância e o espírito de lucro abusivo, da desgraça, a que todos se viam reduzidos. Um conjunto, contudo, de fatos tão tristes fêz mais realçar as virtudes que imperam no soldado brasileiro, patenteando o seu caráter eminentemente sofredor e resignado, à subordinação e disciplina, que lhes são naturais”.

E prosseguia a narração:

“Depois de dias, em que nada se distribuía, nenhuma queixa se erguia, nenhuma exigência se ouvia: todos se compenetravam das dificuldades que presidiam a qualquer providência que tomar, e calmos esperavam pelo que lhes reserva a sorte. Não nos compete a apreciação dos fatos que deram em resultado esta ordem de cousas:

(68). — *Narrativas Militares*, publicado sob o pseudônimo de Sílvio Dinarte. Garnier, Rio de Janeiro, 1878, p. 16.

consignamos simplesmente as fases por que passou a expedição, nas quais sempre presenciámos o comportamento altamente recomendável do pessoal que a compunha; galhardo nas marchas e pronto para todos os trabalhos, suportando, enfim, as maiores privações, a que pode ser sujeito o homem na guerra, sobretudo nas condições difíceis, que proporcionam distâncias imensas e sertões inóspitos”.

E concluindo:

“Depois da mais penosa marcha por centenaes de léguas, rodeada de perigos e incômodos, na qual de contínuo se lutava com circunstâncias imprevistas, acompanhadas de inúmeras aflições, veio a estada prolongada do Coxim pôr à prova a abnegação e o sentimento íntimo do dever, de que tantos exemplos brilhantes tem dado o brasileiro, que enverga os distintivos da vida de sofrimentos”.

Após transcreever êste trecho do relatório, Taunay comenta em um dos seus livros:

“Quadro exato da triste situação que apresentava a expedição de Mato Grosso, atirada a um canto da província, que vinha socorrer, reduzida à inação por obstáculos invencíveis de um lado, do outro pelos poucos meios de que dispunha, para somente sobre si, empreender a ofensiva. De nenhum consôlo lhe servia o título pomposo, com que, a pedido, a haviam agraciado. *Fôrças* lhe faltavam; *operações* era uma ironia cruel para um espirito filosófico e o sul da província de Mato Grosso é tão vasto, tão medonhamente inçado de dificuldades, sobretudo naquela época, quanto o eram os sinistros paúis da Germânia em que se abismaram as bizarras legiões de Varo. Assim, pois, não nos iludíamos sobre o presente; e o futuro como derivação natural, não nos abria horizontes de flôres” (69).

A carne para o abastecimento da tropa havia com relativa quantidade, com as boiadas trazidas dos pastos matogrossenses e enviadas também pelo presidente de Goiás. Diz Taunay:

“no Coxim, comíamos, pura e simplesmente churrasco: o hábito custara-nos a adquirir, mas o organismo acomodara-se” (70).

Porém, para aumentar o sofrimento dos nossos soldados, surgia uma epizootia que inutilizava e matava aos montes a muares e equinos. Era o conhecido “mal-de-cadeiras”, endêmica naquela região e no sul da província de Mato Grosso. A cavalaria paraguaia que havia chegado até aquêlo ponto, em abril de 1865, teve seus animais sacrificados pela epizootia. Com o flagelo da “peste-de-cadeiras” houve em consequência a diminuição do fornecimento de carne para

(69). — *Campanha de Mato Grosso. Cenas de Viagem*. Liv. do Globo, Irmãos Marrano-Editôres, São Paulo, 1923, pp. 171-172.

(70). — *Idem. Ibidem.* p. 35.

o Acampamento do Coxim, provocado pela ausência de cavalos para vaquejar. O *Trypanosoma equinum* é o agente causal desta doença, cuja sintomatologia principal é a paralisia dos membros posteriores dos animais, que valeu o nome popular dado a essa tripanosomose.

Em Coxim, houve baixas e deserções na Coluna, tendo falecido, a 21 de abril de 1866, o comandante do esquadrão de cavalaria de Goiás, Major em comissão Eliseu Xavier Leal e o Alferes Capelão Padre Antônio Augusto de Andrade e Silva estêve adoentado e deu baixa, voltando para o Rio de Janeiro.

Além dêste sacerdote que anteriormente servia na Fortaleza de Santa Cruz, ainda se incorporaram à Coluna a fim de prestarem serviços religiosos, os seguintes Alferes-Capelães: Padre Tomás de Molina — da guarnição da província de São Paulo — e o Padre Antônio Augusto do Carmo — da brigada mineira, que não pertencia ao Quadro Efetivo do Exército. A Exposição transporta além de alfaias e paramentos, um altar portátil, tudo fornecido pelo Arsenal de Guerra da Côte (71).

O Coronel José Antônio da Fonseca Galvão estava impaciente com a imobilização do Acampamento de Coxim e desejava cumprir imediatamente a sua missão que era expulsar o inimigo ainda ocupando o sul da província, porém, não possuía mapas topográficos que dessem a orientação necessária. O presidente de Mato Grosso, Barão de Melgaço — profundo conhecedor da província — não podia atendê-lo, pois, não havia transitado pelos terrenos compreendidos entre o Taquari e o Aquidauana e por isso não possuía carta com tal ou qual exatidão (72). Acônselhava o comandante da Expedição a determinar aos oficiais engenheiros realizarem a exploração da região. Assim, o Coronel José Antônio da Fonseca Galvão, seguindo a sugestão recebida, escolhe os engenheiros militares Capitão Antônio Pereira do Lago e o 2º Tenente Alfredo d'Escragnolle Tournay, que partiram, a 13 de fevereiro de 1866, com a missão de

“reconhecer aqueles terrenos, informando sôbre a praticabilidade da viação e procedendo a uma exploração cuidadosa daquela fralda de serra”.

O Comandante da Coluna, a 2 de abril, começava a receber os relatórios dos oficiais engenheiros, com os dados colhidos, informações e a topografia do deserto que iriam atravessar.

(71). — *Diário Oficial. Império do Brasil*, edição de 11 de abril de 1865.

(72). — TAUNAY, Visconde de — *Augusto Leverger*. (Almirante Barão de Melgaço. Antemural do Brasil em Mato Grosso). Ed. Melhoramentos, São Paulo, s.d., p. 141.

Baixando as águas e após um mês de sol constante que veio secar o caminho dos pantanais, e ciente do relatório dos engenheiros, o Coronel, já então Brigadeiro graduado, José Antônio da Fonseca Galvão, ordena a partida. E a 25 de abril de 1866, seguia em direção ao Aquidauana, contornando a serra de Maracaju e percorrendo zonas pantanosas e malarígenas. A permanência em Coxim fôra de 127 dias. As trilhas palmilhadas pelos expedicionários margeando a serra, evitando, de um lado, a água demasiado profunda e, de outro, a medonha mata virgem, eram vencidas e, com grandes dificuldades os seus 135 quilômetros, quando, a 8 de maio, chegaram à margem direita do Rio Negro. Aí, esperaram a segunda brigada sob o comando do Tenente Coronel Joaquim Mendes Guimarães, que havia partido, em começos de maio, do Coxim, depois de receber em suas fileiras o reforço de um batalhão de voluntários de Goiás, denominado “Goiano”, criado por ato provincial de 30 de outubro de 1865 e formado por soldados da Guarda Nacional e de Voluntários da Pátria. O Batalhão Goiano de Voluntários era constituído de 432 praças, tendo saído da capital da província a 20 de janeiro de 1866, comandado pelo Coronel José Joaquim de Carvalho. Este oficial antes de atingir Coxim, abandona os seus comandados e segue para Cuiabá.

O total das *Fôrças em operações no Sul de Mato Grosso* somava a uns 2.700 homens, incluindo os soldados de cavalaria de Mato Grosso que haviam se incorporado à Coluna.

O tempo bruscamente mudara e tôda a região fôra atingida por um aguaceiro diluvial. O acampamento do Rio Negro, a princípio enxuto, transformava-se em verdadeiro charco.

Em consequência das chuvas, as fôrças expedicionárias começaram a se ressentir de gêneros alimentícios e com o estado sanitário da tropa ameaçador. Já enfrentavam a doença milenária, conhecida por todos os exércitos do mundo — a malária, que começava a dizimar as nossas praças e cujas baixas se elevaram a quase quatrocentas em poucos dias. Todo o trajeto percorrido pelos nossos soldados, de Coxim até aquele ponto, era constituído por terrenos onde proliferavam os mosquitos *Anofelinos*, transmissores da doença. As margens do Rio Negro, local do acampamento das fôrças, eram insalubres e consideradas zonas altamente malarígenas. Aí, faleceram das “febres” o Capitão Manoel Batista Ribeiro de Farias — comandante interino do Batalhão Goiano de Voluntários —, a 10 de junho de 1866 e três dias depois, o comandante geral das fôrças, o Brigadeiro José Antônio da Fonseca Galvão. A mortandade foi tão grande e violenta que hoje, nessa longa distância do tempo que nos separa, poderíamos afirmar que o parasito predominante naquela região, teria sido o

Plasmodium falciparum, agente causal da “terça maligna”. Entretanto, as febres palustres, “terça benigna e quartã”, diante das más condições de resistência orgânica dos nossos soldados, atravessando aquêles brejos, dormindo ao relento e mal alimentados, poderiam ser, perfeitamente, responsáveis por tantos casos fatais. O que é certo, a maleita, endêmica naqueles locais, surgia sob a forma de epidemia grave. Em correspondência dirigida ao Ministro da Guerra de então, dizia o presidente da província de Goiás que o 2º escriturário encarregado do depósito dos Baús, havia comunicado a êle a notícia de achar-se o Brigadeiro José Antônio da Fonseca Galvão,

“afetado de um ataque de estuapor, que tirou-lhe o uso da vista e da fala” (73).

Era a coma palustre o estado mórbido do Brigadeiro Galvão, forma nervosa e das mais graves da doença, e que, via de regra, só se verifica na “terça maligna”. Até aquele momento, não havia noções concretas, com base científica, sobre a origem da malária — a causa da doença. As “febres são mencionadas nos escritos de Hipócrates e dos médicos de sua escola, e conhecidas das populações e regiões mais diversas do mundo. Foi um médico militar francês, ALPHONSE LAVERAN (1845-1922), em serviço na Argélia, que fez a descoberta do parasito — o hematozoário —, no Hospital Militar em Constantine, a 6 de novembro de 1880, após estudos profundos da anatomia patológica da doença, iniciados dois anos antes. Depois dêle, vieram outros trabalhos sobre as diferenças morfológicas dos hematozoários e a transmissibilidade da malária pelo mosquito, demonstrada por Si RONALD ROSS (1857-1932). Naquela época e desde longo tempo, era a “quinina” o grande medicamento antipalúdico e fôra empregado em nossos soldados enfermos. Afirma Taunay que seu pai enviava constantemente grãos dêste alcalóide da quina. Era a terapêutica salvadora. Só recentemente surgiram os quimioterápicos mais eficazes e a malarioterapia tem passado por profundas transformações. O Serviço de Saúde da Expedição, naquela contingência, desenvolveu grande atividade e não tinha mãos a medir e alguns médicos militares foram atingidos pela infecção.

Com a morte do Brigadeiro Galvão, assumia o comando geral da Coluna, o Tenente-Coronel Joaquim Mendes Guimarães, por ser o mais antigo em graduação — o terceiro a ocupar êste posto.

O abastecimento às fôrças entrou em colapso pelas chuvas caídas e por falta de muares, e os nossos soldados tiveram de se alimen-

tar, durante uns oito dias, com os recursos locais, isto é, utilizando-se quase exclusivamente de frutos silvestres, que os rodeavam: *Bacuri*, *murici* e o fruto vagem *Jatobá*. Dêste último, diante de sua abundância no local, eram feitas colheitas em enorme sacos, sendo depois distribuídas pelas autoridades militares como rações determinadas por lei... (74).

A 24 de junho de 1866, arranca o Tenente-Coronel Mendes Guimarães e põe em marcha a Expedição através de brejos e altos macegais, quando a soldadesca enfrenta um terreno de trinta braças de largura e de medonha vala: era o pantanal de Madre. Diz Taunay, que por todos os lados era lama, lama visguenta, traiçoeira, lama fétida, negra e insolúvel. Uma porção de homens atolou-se até o pescoço e ali ficou; os carros de artilharia e de mantimentos foram ao fundo; mulheres perderam seus filhos e no final naquele abismo ficaram mais de cem vítimas.

Mais adiante, a *corixa* denominada da Cangalha, tão terrível como o pantanal anterior — onde são devoradas mais vítimas — e, finalmente, depois de dez tremendos dias de marcha, chegava a Coluna ao ansiado rio Taboco, à chamada Bôca do Pantanal, a 3 de julho, apresentando-se os soldados em estado lastimável: sujos, semi-nus, maltrapilhos e mortos de fome e de cansaço.

No Taboco iniciava-se a elevação do terreno, afastando-se, assim, as terríveis zonas acharcadas. Melhorando o tempo, começaram a chegar os carregadores de alimentos e houve certa fartura. Assim, a tropa foi se refazendo aos poucos das precárias condições físicas, após uma caminhada das mais dramáticas, transpondo os pantanais e cujo percurso atingiu a 168 quilômetros. Há críticas formuladas pela rapidez da movimentação da tropa, realizada em apenas dez dias, pois deu a impressão de fuga. Realmente, fôra uma fuga; fuga daquele inferno que a todos apavorava: os atoleiros e as doenças. Porém, a grave acusação apontada era que, naqueles dias, se esqueceram dos mais fracos, só escapando os fortes. Outra observação lembrada como erro tático: caso se encontrasse o inimigo nas imediações do Taboco, a Expedição teria sido aniquilada, pois as peças de artilharia não puderam acompanhar a Coluna, ficando pelos pantanais e só depois vieram se juntar a ela (75). Ao reviver essa manifestação suscitada há muitos anos, nosso sentido é de provocar a opinião de outros técnicos na matéria, após analisarem com profundidade a situação vivida pelos nossos soldados. O certo é que, em vez de uma destrui-

(74). — *Memórias do Visconde de Taunay*. Ed. Melhoramentos, s.d., p. 208.

(75). — JOURDAN, E. C. — *História das Campanhas do Uruguai, Mato Grosso e Paraguai*. 2º volume, Imprensa Nacional, Rio de Janeiro, 1893, p. 70.

ção total, a salvação de muitos compensou o sacrifício de alguns. Assim nos parece.

A 13 de julho de 1866, no acampamento à margem do Rio Taboco (Dabôco como então se escrevia), chegava o Coronel José Joaquim de Carvalho, enviado diretamente de Cuiabá, a fim de assumir o Comando da Expedição. Nesse dia, êste militar tem a infelicidade de cair do cavalo e fraturar o braço.

Nas Fôrças Expedicionárias começaram a surgir casos de *beribéri* tomando proporções que trouxeram desalento a todos, principalmente aos componentes do Serviço de Saúde já sobrecarregados de trabalhos e atribuições. As primeiras vítimas foram observadas após a estada da Coluna às margens do Rio Negro e quando intensa era a infecção paludosa. Assevera o Visconde de Taunay que o mal

“atacava de diversos modos, mas sempre grave senão mortal logo, ora pérfida e lentamente, ora de chôfre e com os sintomas mais aterradores e crueis, trazendo paralisias mais ou menos generalizadas”. E concluindo: “às vêzes o doente acusava formigamentos nas plantas dos pés e dificuldade na locomoção, sentindo de dia agravarem-se êsses sinais; a que se juntavam sem muita demora as opressões, dispnéias, sobrevindo afinal a agonia e morte; outras, tudo isso se tropelava e em breves horas falecia quem, bem pouco antes, se mostrava forte e são” (76).

Êsse quadro patológico apresentado por um leigo, tem a felicidade de demonstrar a multiplicidade de formas clínicas da doença, diversas quanto a sintomatologia, duração e desfecho, que é um dos apanágios do *beribéri*, no conceito do saudoso mestre Aloisio de Castro (77). Na ocasião, a doença fôra denominada de *paralísia-reflexa* e batizada pelos soldados de *perneira*, pela dureza característica das barrigas da perna ou panturrilhas. Essa enfermidade era uma entidade patológica ainda não observada e estudada no Brasil e por isso deixou os médicos militares desorientados. Taunay afirma mal-dosamente que

“os médicos, aliás bastante ignorantes, mostravam-se atônitos e não ousavam decidir, receitando às tolas e com incoerência e falta de lógica dignas de lástima” (78).

Ao declararem desconhecer a etio-patogenia da moléstia, os médicos deram demonstração de honradez e boa formação científica,

(76). — *Memórias do Visconde de Taunay*. Ed. Melhoramentos, s.d. p. 208.

(77). — *Semiótica nervosa*. Segunda edição, F. Briguiet & Cia — Editores, Rio de Janeiro, 1935, p. 692.

(78). — *Ob. cit.* p. 208.

pois, não eram curandeiros nem charlatões. E para ressaltar o drama vivido por aquêles profissionais da medicina, lembramos que sòmente naquele ano de 1866, o Dr. JOSÉ FRANCISCO SILVA LIMA (1826-1910), na Bahia, começava a publicar na “Gazeta Médica da Bahia”, uma série de trabalhos acêrca de uma moléstia que reinou naquela província sob forma epidêmica e caracterizada por paralisia, edema e fraqueza geral, até então desconhecida dos meios médicos brasileiros. Era uma polineurite idêntica àquela que causava milhares de vítimas entre as populações da Índia e do Japão, conhecida pela denominação do *beribéri*, cuja etiologia e tratamento eram inexistentes para a ciência médica. Na mesma época, no teatro principal da guerra, no Paraguai, o Tenente 2º Cirurgião do Exército, Dr. JOAQUIM MARIANO DE MACEDO SOARES identifica a síndrome, semelhante à apresentada por SILVA LIMA e presenciada em Mato Grosso, tendo sido denominada de *anasarca*. Na Armada também fôra observada incidências de polineurite pelo Primeiro Tenente Primeiro Cirurgião, Dr. MANOEL JOAQUIM DE SARAIVA — embarcado no encouraçado *Lima Barros* —, que denominou a doença de *intoxicação paludosa*, aceita esta terminologia por maioria de médicos militares. Após a guerra e com os ensaios de SILVA LIMA publicados em volume no ano de 1872, acrescidos de outros trabalhos médicos de autores brasileiros, conseguiu-se classificar o mal que havia grassado entre os nossos soldados e marinheiros, como o *beribéri* — diagnóstico retrospectivo —, pois, os relatórios oficiais ao falarem de moléstias predominantes, mencionam apenas com os nomes acima referidos e não de *beribéri*. Entretanto, os médicos continuaram a tatear quanto a origem, evolução e tratamento da doença, e surgiram duas correntes sôbre a causa do mal, filiando-se na doutrina microbiana nomes respeitáveis da medicina mundial e brasileira, como SCHEUBE, BAELZ, MANSON, PLEHN e os nossos mestres TÔRRES HOMEM, FRANCISCO DE CASTRO, NINA RODRIGUES, MARTINS COSTA, FRANCISCO FAJARDO, AZEVEDO SODRÉ. As experiências levadas a efeito pelos médicos EIJKMAN e GRIJINS, entre 1896 e 1905, vieram provar que a alimentação contendo casca de arroz impedia e curava o *beribéri* e, principalmente, com o isolamento da Vitamina B1 do epicarpo do arroz, realizado por FUNLK, em 1911, a doença tomou outro rumo e a ciência médica nova glória. Mas apesar dessas descobertas, a idéia de causa infecciosa da doença estava bastante arraigada no espírito da maioria dos profissionais da medicina e muitos não se convenceram e continuaram a pesquisar e apresentar, de vez enquando, o micróbio... do beribéri. Isso veio até há algumas décadas atrás, porém, hoje, é

aceita a origem carencial da doença, isto é, o *beribéri* como consequência da avitaminose B1. Vemos, assim, o longo trajeto percorrido pela Ciência da Nutrição para se firmar, após exaustivos trabalhos de pesquisas, e, então, indagamos, como poderíamos situar os nossos médicos militares naqueles idos tempos? No conceito malévolo do Visconde de Taunay? Claro que não. A desorientação não era somente daqueles infelizes médicos atolados até à alma com as epidemias e o pantanal, mas de toda a ciência hipocrática brasileira e mundial, que teve de percorrer um longo e tenebroso caminho ao encontro da definição exata dessa doença carencial.

O Coronel Mendes Guimarães, após passar o comando da Expedição, o qual vinha exercendo interinamente, é atingido pelo *beribéri* e dá baixa e parte para o Rio de Janeiro. Igualmente o Dr. Antônio Gonçalves de Carvalho — auditor de guerra — é acometido pela forma paralítica da doença (forma atrófica seca). Diz Taunay que este bacharel em direito, bem doente e a contragosto, resistindo até ao último momento, partiu da Expedição, no Taboco; nêle

“o beribéri tomou a forma simplesmente paralítica sem edemacia alguma, pelo contrário a secar de dia em dia, de modo que parecia um boneco de engonço” (79).

Já o 1º Tenente Joaquim José Pinto Chichorro da Gama, da Comissão de Engenheiros, depois de um mês de enfermidade, também atacado pelo *beribéri*, falece a 26 de julho de 1866.

Como as vítimas do beribéri e do impaludismo aumentassem, gradativamente, resolveu, então, o comandante geral da Expedição, Coronel José Joaquim de Carvalho, partir do Taboco, a 5 de setembro para transpor o Rio Aquidauna, cujos trabalhos se estenderam do dia 7 a 13, chegando a Coluna à Vila Miranda, em 17 de setembro.

De Santos até Miranda, a Fôrça Expedicionária havia percorrido cerca de 2.480 quilômetros.

A Vila Miranda era um foco perene de infecção e considerada região paludada. A orientação acertada era a Coluna ter marchado do Taboco em direção a Nioaque, de percurso menor e sabidamente salubre. Em Miranda a permanência da Coluna durou 114 dias, que representaram um imenso risco, pois a Expedição poderia ter-se aniquilado. As baixas provocadas pelo *beribéri* até aquêle ponto já somavam a umas quatrocentas. Somente em Miranda, calculou Taunay que a criminoso estada havia custado “muitos centos de vida”. O *beribéri* havia se manifestado de várias formas clínicas, sendo a de maior número de casos, a “hidrópica”, que se caracteriza pelos

(79). — *Memórias do Visconde de Taunay*. Ed. Melhoramentos, s.d., ps. 17-218.

edemas e manifestações viscerais, sobretudo as desordens cardíacas. O Alferes Capelão, Padre Tomás de Molina, fôra atingido pelo *beribéri* e em menos de um dia de enfermidade, entrou em agonia e veio a falecer. Caso fulminante e grave, o que nos faz lembrar ter o sacerdote sido acometido pela "forma aguda perniciosa" da doença. Diante da mortandade provocada pelo *beribéri*,

"os médicos haviam chegado à conclusão que a mudança de ares se tornava o único meio para atalhar a marcha de tão singular moléstia" (80),

e assevera ainda Taunay, que da teimosia em aí permanecer, resultaram

"os protestos da comissão médica que várias vezes enèrgicamente se pronunciou pela saída imediata da coluna do mortífero local" (81).

Dêsse modo, podemos concluir que os médicos militares não estavam tão desorientados e sim atentos na evolução da doença.

Ainda em Miranda, veio a falecer de *beribéri*, a 13 de outubro de 1866, o Capitão José Rodrigues Duarte Junior, do 17º Batalhão de Voluntários da Pátria, de Minas Gerais, em cujas disposições testamentárias, diz:

"Deixo ao meu infatigável amigo e dedicado médico Dr. Manoel de Aragão Gesteira, o meu cavalo russo: — é uma insignificante lembrança de um moribundo" (82).

Era a singeleza do reconhecimento de uma alma terna em demonstrar gratidão ao seu médico assistente, seu companheiro de longa marcha iniciada na lendária Ouro Preto até aqueles confins. Para o Capitão 1º Cirurgião, Dr. MANOEL DE ARAGÃO GESTEIRA o gesto valia e compensava seu esforço e dedicação. Quando nada podia fazer para a cura do mal, o calor humano substituíu a terapêutica necessária e êste médico militar sabia aplicá-lo em doses compensadoras.

O Corpo de Saúde da Expedição ficara bastante reduzido de pessoal, como as demais armas e serviços da Coluna, em consequência das febres palustres e do *beribéri*. Quanto às canastras do instrumental cirúrgico e da farmácia, quase tudo havia se extraviado na travessia dos pantanais.

(80). — *Idem. Ibidem.* p. 217.

(81). — *Idem. Ibidem.* p. 219.

(82). — DUARTE, J. R. — *Recordações mineiras* (Esboço biográfico do Cap. José Rodrigues Duarte, oficial do 17º B.V.) Rio, 1917.

No mês de outubro, partia para o Rio de Janeiro, no dia 3, o Tenente 2º Cirurgião, Dr. SERAFIM LUIZ DE ABREU (83), por doença. Até fins de dezembro ainda se encontravam em Miranda os seguintes médicos: Capitães 1ºs. Cirurgiões, Drs. OLEGÁRIO CÉSAR CABOSSU, CÂNDIDO MANOEL DE OLIVEIRA QUINTANA e MANOEL DE ARAGÃO GESTEIRA — promovido a êste posto em 3-3-1866; Tenentes 2ºs. Cirurgiões, Drs. CÍCERO ÁLVARES DOS SANTOS e CARLOS JOSÉ DE SOUZA NOBRE. Depois, somente os Drs. QUINTANA e GESTEIRA permaneceram na Coluna, partindo os demais, por motivo de saúde, sendo que o Dr. NOBRE foi se recuperar na cidade de Cuiabá.

O Coronel José Joaquim de Carvalho verifica

“que amanhecera com os pés e as pernas muito inchados, presos e dormentes, além de dolorosos formigamentos nas mãos”,

e, então, fica apavorado e imediatamente convoca os cinco médicos da Expedição e depois chama o Taunay que era metido a entender de assuntos médicos. E diante do exagêro demonstrado propositadamente pelo Taunay que não o suportava, o Coronel Carvalho partiu atropeladamente, a 31 de dezembro de 1866, com destino a Cuiabá, sem esperar o nôvo comandante.

A 1 de janeiro de 1867, assumia o comando geral da Coluna o Coronel Carlos de Moraes Camisão que imediatamente dá nova organização tática à Expedição, unificando as duas brigadas numa única, restaura a Comissão de Engenheiros que fôra extinta pelo comandante anterior e ordena a partida para Nioaque, como medida sanitária reclamada. E como providência segura para concretizar essa última medida de movimentação, determina a ida de dois engenheiros para Nioaque, a fim de prepararem galpões para acomodação da enfermaria e depósitos de víveres, e escolherem o melhor local para o acampamento.

A impressão do nôvo comandante foi a melhor possível, pois, tratava-se de um militar brioso, e homem sério e digno.

A 11 de janeiro partia a Coluna para Nioaque quando chegou a 24, depois de percorrer 210 quilômetros. Os enfêrmos e convalescentes foram transportados em padiolas, rêdes e *cacolets*. Nioaque fôra incendiada e destruída pelos paraguaios, quando partiram a 2 de

(83). — Êste médico militar casou-se com D. Eulália Tanner de Abreu, de cujo enlace nasceu o Professor Dr. Henrique Tanner de Abreu, aos 12 de outubro de 1870, na cidade de Jaguarão, RGS. O Prof. Tanner de Abreu foi catedrático de Medicina Legal da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e Professor Emérito da Universidade do Brasil, tendo falecido com a propecta idade de noventa e três anos.

agosto de 1866, como igualmente haviam feito na Vila Miranda. As duas únicas casas poupadas pelo fogo foram aproveitadas na instalação da Enfermaria.

Após dois meses de estada em Nioaque, com o abastecimento regular, a recuperação das fôrças foi total, tendo cessado a epidemia reinante do *beribéri*, cuja última vítima fôra o Capitão Lomba que havia sido transportado bem doente de Miranda.

Em Nioaque, em 1 de fevereiro de 1867, o Serviço de Saúde, segundo o Mapa da Fôrça (84), era constituído por dois médicos e a companhia de enfermeiros possuía o seguinte efetivo: um 2º Sargento; três Cabos; dois Anspeçadas e dezessete soldados.

Com a recuperação das fôrças e novos refôrços vindos de Cuiabá, o efetivo da Coluna é de 2.084 homens, na data acima mencionada.

Levado pelo entusiasmo e por enganosas informações, o Coronel Camisão resolveu invadir o Paraguai, pela fronteira do Apa, com o pequeno corpo de exército, embora bem aguerrido, mas sem meios de transporte e locomoção, pouca munição, falta de mantimentos e o pior, sem cavalaria — elemento indispensável para uma ação daquela envergadura. O gado, alimento principal da soldadesca, havia sido trazido pelo Guia Lopes de seus campos, em duas boiadas; uma de duzentas e cinqüenta e depois de duzentas reses, mas, pelo consumo diário da Coluna de vinte e duas cabeças, não eram suficientes para manter o abastecimento por um período longo. Davam apenas para suportar um mês de alimentação.

Em vez de permanecer na defensiva com aquêlê efetivo, como determinava o Plano de Campanha elaborado pelo Marechal Marquezês de Caxias, partiu o Coronel Carlos de Moraes Camisão para a ofensiva, iniciando a marcha de Nioaque, a 28 de fevereiro de 1867. Finalmente, todo o contingente se encontrava em território paraguaio, em 21 de abril, cujo evento fôra precedido com alarido e júbilo por aquêles ternos corações brasileiros.

Os nossos soldados, depois de longos anos de espera para o ansioso desagravo, briosamente desfraldavam as nossas bandeiras pelos céus inimigos e os seus clarins varavam o silêncio dos campos paraguaios.

(*Continua*).